

R O R Y P O W E R

# MENINAS SELVAGENS

1ª edição

— **Galera** —

RIO DE JANEIRO

2020

**HETTY**

# CAPÍTULO 1

Alguma coisa. Bem ao longe no claro-escuro. Entre as árvores, se movendo no trecho onde a floresta se adensa. Dá para ver do telhado, o modo como a moita se curva ao redor dessa coisa, que avança com rapidez em direção ao mar.

Desse tamanho, deve ser um coiote, um dos grandes, dos que chegam na altura dos ombros, com dentes que têm o tamanho da lâmina de uma faca quando colocados na palma da mão. Sei disso porque encontrei um certa vez, com a extremidade pontiaguda saliente na cerca. Eu o peguei e escondi debaixo da cama.

Mais um estalar no mato e, então, tudo fica tranquilo novamente. No terraço da cobertura, Byatt abaixa a arma e a apoia no parapeito. Barra limpa.

Por via das dúvidas, mantenho a minha erguida, com a mira no olho esquerdo. Meu outro olho está morto, virou breu numa erupção. As pálpebras se fundiram e cerraram, com algo crescendo sob elas.

É assim com todas nós aqui. Doentes, estranhas, e não sabemos por quê. Coisas irrompendo de nós, pedaços faltando e partes desprendendo, depois endurecemos e acalmamos.

Pela mira, com o sol do meio-dia tornando o mundo mais branco, posso ver a floresta se estendendo até a ponta da ilha, e o mar além dela. Pinheiros compridos, largos como sempre, passando em muito a altura da casa. Aqui e ali, frestas onde os carvalhos e as bétulas perderam suas folhas, mas boa parte da copa está bem fechada e entrelaçada, com as agulhas dos pinheiros endurecidas pela geada. Apenas a antena de rádio emerge do mato, inútil agora que não há mais sinal.

Alguém grita da estrada e, ali, saindo das árvores, surge a Equipe do Barco, voltando para casa. Apenas poucas de nós podem fazer esse trajeto para o outro lado da ilha, onde a Marinha entrega suprimentos e roupas no cais de onde as balsas costumavam ir e vir. O restante permanece atrás da cerca, rezando para que elas voltem para casa em segurança.

A mais alta, a Sra. Welch, para na entrada e mexe no cadeado até, por fim, abrir o portão. A Equipe do Barco entra cambaleando, com as bochechas vermelhas por causa do frio. Todas as três retornaram e todas as três estão curvadas sob o peso de enlatados, carnes e torrões de açúcar. Welch se vira para fechar o portão atrás de si. Com uma diferença de apenas uns cinco anos para a mais velha de nós, ela é a mais nova das professoras. Antes disso, morava em nosso corredor e fingia não ver quando alguém perdia o toque de recolher. Agora Welch conta quantas somos todas as manhãs para se certificar de que ninguém morreu durante a noite.

Ela acena para indicar que está tudo limpo, e Byatt acena de volta. Eu cubro o portão. Byatt, a estrada. Às vezes, trocamos, mas meu olho não enxerga bem grandes distâncias, então nunca dura muito. De todo modo, ainda atiro melhor do que metade das meninas que poderiam ocupar meu lugar.

A última menina da Equipe do Barco desaparece de vista ao entrar na varanda, e assim nosso turno acaba. Descarregar os rifles.

Colocar a munição na caixa para a próxima garota. Roubar uma e colocar no bolso, só por via das dúvidas.

Há uma inclinação suave no telhado que nos leva do terceiro para o segundo andar. Dali, nos balançamos sobre a borda e entramos na casa pela janela aberta. Era mais difícil quando usávamos saias e meias, quando algo em nós ainda nos dizia para mantermos os joelhos tapados. Isso foi há muito tempo. Agora, em nosso jeans surrado, não temos nada com que nos preocupar.

Byatt entra atrás de mim, deixando outra marca de sapatos no parapeito da janela. Ela joga o cabelo sobre um dos ombros. Liso, como o meu, e de um castanho vivo e brilhante. E limpo. Mesmo quando não temos pão, sempre temos xampu.

— Viu alguma coisa? — pergunta ela para mim.

Dou de ombros.

— Nada.

O café da manhã foi fraco, e posso sentir o tremor de fome em meu corpo. Sei que Byatt também sente, então somos rápidas na descida para o almoço, seguindo para o salão do andar principal, com seu pé-direito alto. Mesas dobráveis lascadas; uma lareira; e sofás com encostos altos, cujos estofamentos foram arrancados e usados como combustível para nos aquecer. E nós — lotando o lugar com nossa presença —, falantes e cheias de vida.

Havia em torno de cem meninas quando tudo começou, além de vinte professoras. Todas juntas ocupávamos as alas da casa antiga. Hoje em dia, precisamos apenas de uma.

As meninas da Equipe do Barco entram pela porta da frente fazendo barulho, deixando as bolsas caírem e causando uma corrida pela comida. Eles nos enviam principalmente enlatados e, de vez em quando, pacotes de carne-seca. Quase nunca algo fresco, jamais o suficiente para todo mundo, e, num dia normal, as refeições são

basicamente Welch na cozinha, destrancando a despensa e dividindo as menores porções que já se viu. Mas hoje é dia de entrega, novos suprimentos chegam carregados pelas meninas da Equipe do Barco, e isso significa que Welch e a Diretora não se envolvem e nos deixam disputar por uma coisa cada.

Byatt e eu, no entanto, não precisamos disputar nada. Reese está logo à porta e arrasta uma sacola para o nosso lado. Se fosse outra pessoa, as demais meninas iriam se importar, mas é Reese — com sua mão esquerda de dedos afiados e escamados —, então todo mundo fica calado.

Ela foi uma das últimas a ficar doente. Achei que talvez tivesse escapado, talvez estivesse a salvo, mas aí começou. As escamas, cada uma num tom furta-cor prateado, desdobrando-se de sua pele como se viessem de dentro. A mesma coisa aconteceu com outra menina do nosso ano. Escamas se espalharam por todo o seu corpo, tornando seu sangue frio até ela não acordar mais; por isso, achamos que era o fim para Reese, e ela foi levada para o andar de cima à espera de que aquilo a matasse. Mas isso não aconteceu. Um dia, estava enfiada na enfermaria e, no seguinte, havia voltado — a mão esquerda agora uma coisa selvagem, porém ainda sua.

Reese rasga a sacola e deixa que Byatt e eu a vasculhemos. Meu estômago apertado, a saliva grossa em minha língua. Qualquer coisa, eu pegaria qualquer coisa. Mas pegamos uma sacola ruim. Sabonete. Fósforos. Uma caixa de canetas. Um pacote de munição. E então, no fundo, uma laranja — uma laranja de verdade, com a putrefação apenas começando a aparecer na casca.

Nós a agarramos. A mão prateada de Reese em minha gola, com calor crescendo sob as escamas, mas eu a jogo no chão e empurro meu joelho contra a lateral do seu rosto. Parto para cima, prendo o pescoço de Byatt entre meu ombro e meu antebraço. Uma delas chuta; não sei quem. Mas me acerta na parte de trás da cabeça e sou

arremessada para a escada, batendo com o nariz na beirada de um dos degraus. Um clarão de dor explode. Em volta de nós, as outras meninas estão gritando, nos cercando.

Alguém agarra meu cabelo e me puxa para cima, para fora. Eu me contorço e mordo bem na região do tendão, onde a pele está esticada; ela grunhe. Diminuo um pouco a força. Ela também, e nos afastamos uma da outra.

Tiro o sangue do meu olho. Reese está esparramada na metade de cima das escadas, com a laranja em sua mão. Ela ganhou.

# CAPÍTULO 2

Nós a chamamos de Tox e, durante os primeiros meses, eles tentaram transformar isso numa lição. Surtos virais nas civilizações ocidentais: história. “Tox” como a raiz nas línguas latinas. Regulamentações farmacêuticas no estado do Maine. Aulas seguindo como sempre, professoras diante do quadro com sangue na roupa, marcando testes como se todas nós ainda fôssemos estar aqui na semana seguinte. O mundo não está acabando, disseram elas, e a educação de vocês também não deve acabar.

Café da manhã no refeitório. Matemática, inglês, francês. Almoço, tiro ao alvo. Exames médicos e primeiros socorros, a Sra. Welch fazendo curativos e a Diretora aplicando agulhadas. Juntas para o jantar e depois trancadas para sobrevivermos outra noite. Não, não sei o que está deixando vocês doentes, dizia Welch. Sim, vocês vão ficar bem. Sim, vão voltar para casa em breve.

Isso logo acabou. As aulas foram saindo do cronograma conforme a Tox infectava uma professora atrás da outra. Regras viraram pó e desapareceram, até sobrar apenas o mínimo. Ainda assim, contamos os dias, acordamos todas as manhãs para olhar o céu à



procura de câmeras e luzes. As pessoas no continente se importam, é o que Welch sempre fala. Elas vêm se importando desde o primeiro segundo que a Diretora ligou para o Campo Nash na costa, pedindo ajuda, e estão procurando uma cura. Na primeira remessa de suprimentos que a Equipe do Barco trouxe de volta, havia um bilhete. Digitado e assinado, impresso em papel oficial da Marinha.

---

**De: Secretário da Marinha, Comandante Oficial do Departamento de Defesa, Força de Resposta a Incidentes Químicos e Biológicos, Diretor do Campo Nash, Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC)**

**Para: Escola Raxter para Meninas, Ilha Raxter**

**Assunto: Procedimentos de quarentena recomendados pelo CDC**

Implementação imediata de isolamento e quarentena totais. Os indivíduos devem permanecer na área da escola em todos os momentos como medida de segurança e para preservar as condições iniciais de contágio. Com a exceção de uma equipe autorizada para a coleta de suprimentos (veja abaixo), ultrapassar a cerca escolar viola os termos da quarentena.

Acesso à linha telefônica e à internet pendentes; comunicação apenas pelos canais de rádio oficiais. Classificação completa de informações em vigor.

Suprimentos chegarão via remessa no cais oeste. Data e hora a serem marcadas via farol do Campo Nash.

Diagnósticos e tratamentos em desenvolvimento. CDC cooperando com instalações locais acerca da cura. Esperem entrega.

---

Esperar e continuar vivas, e nós achávamos que seria fácil — juntas atrás da cerca, protegidas da floresta e dos animais que haviam se tornado famintos e estranhos —, mas meninas continuavam morrendo. Erupções, que deixavam o corpo tão destruído a ponto de

não continuar respirando, deixavam feridas que não cicatrizavam, ou, às vezes, uma violência quase febril colocava uma menina contra outra. Ainda é assim. A única diferença é que agora aprendemos que tudo que podemos fazer é cuidar das nossas.

Reese e Byatt, elas são minhas e eu sou delas. É por elas que rezo quando passo pelo mural e escorrego dois dedos na mensagem da Marinha ainda fixada ali, amarelada e ondulada. Um talismã, um lembrete da promessa que eles fizeram. A cura está vindo, desde que permaneçamos vivas.

Reese enfia a unha prateada na laranja e começa a descascar, e eu me forço a desviar o olhar. Quando a comida é fresca assim, lutamos por ela. Reese diz que é a única forma justa de resolver a situação. Sem pena nem caridade. Ela nunca aceitaria a comida se não a tivesse ganhado.

A nosso redor, as outras meninas aglomeram-se em turbilhões de gargalhadas altas enquanto vasculham as roupas que caem de cada sacola. A Marinha ainda nos envia o suficiente para o número inicial. Camisas e botas tão pequenas que não temos mais ninguém desse tamanho para usá-las.

E casacos. Nunca param de mandar casacos. Não desde que a geada passou a cobrir a grama. A primavera tinha acabado de começar quando a Tox apareceu, e ficamos bem em nossa saia de uniforme e camisa social durante aquele verão, mas o inverno chegou como sempre chega no Maine, longo e cruel. Fogueiras queimando durante o dia e os geradores da Marinha ligados após anoitecer, até que uma tempestade os destruiu completamente.

— Você está sangrando — comenta Byatt. Reese corta a ponta de sua camisa e joga o pedaço no meu rosto. Eu pressiono o tecido, meu nariz inchado fazendo um som úmido quando o aperto.

Acima de nós, no mezanino sobre o salão principal, ouvimos um som de algo arrastado. Todas olham. É Mona, do ano acima do

meu — ruiva, o rosto em formato de coração —, voltando após uma temporada na enfermaria, no terceiro andar. Estava lá havia séculos, desde a erupção da última estação, e acho que ninguém esperava que um dia ela fosse descer de novo. Lembro como o rosto dela fumegou e rachou naquele dia, como a levaram para a enfermaria com um lençol sobre o corpo como se já estivesse morta.

Agora ela tem uma trama de cicatrizes nas bochechas e o começo de uma atmosfera diferente no cabelo. O de Reese é assim, uma trança loira com o brilho dado pela Tox, e isso é tão característico dela que é estranho ver o mesmo em Mona.

— Oi — diz ela, tentando manter o equilíbrio, e suas amigas correm até lá, as mãos agitadas e sorrisos para todos os lados, bastante espaço entre elas.

Não é do contágio que temos medo; todas nós já pegamos o que quer que seja isso. É de vê-la destruída de novo. Sabendo que algum dia, em breve, isso irá acontecer conosco. Sabendo que tudo que podemos fazer é ter esperança de que vamos sobreviver.

— Mona — falam suas amigas —, que bom que você está bem.

Mas observo enquanto elas deixam a conversa morrer, observo conforme elas somem nas últimas horas de luz natural e deixam Mona sozinha no sofá, olhando os próprios joelhos. Não há mais espaço para ela com as amigas. Elas se acostumaram com sua ausência.

Desvio meu olhar para Reese e Byatt, as duas chutando a mesma lasca na escada. Acho que jamais me acostumaria a estar sem elas.

Byatt se levanta, com um franzido esquisito enrugando sua testa.

— Esperem aí — pede ela, indo até Mona.

As duas conversam por um minuto. Byatt está inclinada, falando diretamente no ouvido de Mona, o brilho do cabelo da garota tingindo a pele de Byatt de vermelho. E então Byatt fica ereta, e Mona pressiona o dedão na parte interna do antebraço dela. Elas parecem agitadas. Só um pouquinho, mas consigo notar.

— Boa tarde, Hetty.

Eu me viro. É a Diretora, com as linhas do rosto ainda mais marcadas agora do que costumavam ser. Seu cabelo grisalho está bem preso num coque, a camisa abotoada até o queixo. E uma mancha ao redor da boca, num tom cor-de-rosa pálido, do sangue que sempre está escorrendo de seus lábios. Nela e em Welch a Tox age diferente. Não as massacra como fez com as outras professoras; não muda o corpo delas como muda o nosso. Em vez disso, faz surgir feridas cheias de líquido na língua e lança um tremor no corpo que não vai embora.

— Boa tarde — digo à Diretora. Ela deixou uma série de coisas passar, mas bons modos não foi uma delas.

Ela indica com a cabeça o outro lado do salão, onde Byatt continua próxima de Mona.

— Como ela está?

— Mona? — pergunto.

— Não, Byatt.

Byatt não tem uma erupção desde o fim do verão e está fadada a uma em breve. Elas são cíclicas, cada uma pior do que a anterior até não aguentarmos mais. No entanto, depois de sua última, não consigo imaginar algo pior. A aparência de Byatt permanece igual — apenas uma dor de garganta da qual ela não consegue se livrar e aquele cume serrilhado de ossos descendo por suas costas, com partes saltando da pele —, mas me lembro de cada segundo da erupção. Como ela sangrou em nosso colchão antigo até pingar no piso embaixo do nosso beliche. Como parecia mais confusa do que qualquer outra coisa conforme a pele na região de sua coluna se partia.

— Ela está bem — respondo. — Mas está chegando a hora.

— Sinto ouvir isso — diz a Diretora. Ela observa Mona e Byatt por mais um tempo, franzindo a testa. — Não sabia que vocês eram amigas de Mona.

Desde quando ela se importa com isso?

— Somos colegas, acho.

A Diretora olha para mim como se estivesse surpresa por eu ainda estar ali diante dela.

— Ótimo — comenta ela, e então segue pelo salão, atravessando o corredor, em direção ao canto onde sua sala fica escondida.

Antes da Tox, nós a víamos todos os dias, mas, desde então, ou ela está andando de um lado para o outro na enfermaria, ou está trancada em sua sala, grudada no rádio, falando com a Marinha ou com o CDC.

Nunca houve sinal de celular aqui — para construir caráter, segundo os folhetos —, e eles cortaram os telefones fixos no primeiro dia da Tox. Para manter as coisas em sigilo. Para controlar a informação. Antes, pelo menos, podíamos falar com nossa família pelo rádio e podíamos ouvir nossos pais chorando por nós. Agora não temos mais nada. As coisas estavam vazando, explicou a Marinha, e medidas tiveram de ser tomadas.

A Diretora não se preocupou em nos confortar. Já tínhamos passado daquele ponto havia tempos.

Ela tranca a porta de sua sala quando Byatt volta.

— O que foi isso? — pergunto. — Com Mona.

— Nada. — Ela puxa Reese para levantá-la. — Vamos.

Raxter fica em um grande terreno na ponta leste da ilha. A escola é cercada por água em três dos lados e pela cerca no quarto. Passando do portão, há a floresta, com os mesmos tipos de pinheiros e coníferas que temos na área da escola, porém mais emaranhados e grossos, com galhos novos se entrelaçando aos antigos. Nosso lado da cerca continua limpo e organizado como era antes — só nós é que estamos diferentes.

Reese nos leva para o outro lado do jardim, para a extremidade da ilha, onde as pedras foram desgastadas pelo vento e formam uma espécie de casco de tartaruga. Sentamos ali uma ao lado da outra, com Byatt no meio, a brisa fria batendo em seu cabelo solto diante de nós. O dia está calmo, o céu limpo, mas num tom não azulado, e não há nada à vista. Além de Raxter, o mar engole bancos de areia e puxa correntezas, sempre profundo. Nenhum navio, nenhuma terra no horizonte, nenhum lembrete de que o resto do mundo continua existindo, seguindo sem nossa presença, tudo ainda do mesmo jeito como sempre foi.

— Como está se sentindo? — pergunta Byatt. Ela quer saber porque, duas manhãs atrás, a cicatriz do meu olho cego abriu completamente: um legado dos primeiros dias, um lembrete de como não entendíamos o que estava acontecendo conosco.

Minha primeira erupção cegou meu olho direito e o fechou, e achei que isso fosse tudo, até que alguma coisa começou a crescer sob ele. Uma terceira pálpebra, era isso que Byatt achava. Não doía, apenas coçava absurdamente, mas eu podia sentir algo se mexendo. Por isso, tentei abri-lo.

Foi uma estupidez. A cicatriz é prova disso. Mal lembro como foi, mas Byatt conta que eu larguei o rifle no meio do turno da Equipe das Armas e comecei a cavucar o rosto como se algo tivesse tomado meu corpo, enfiando as unhas entre a crosta dos meus cílios e rasgando a pele.

A ferida está quase cicatrizada, mas de vez em quando abre e o sangue escorre por minhas bochechas, cor-de-rosa, aguado e com pus. Durante os turnos na Equipe das Armas, tenho bastante coisa para pensar e não é tão ruim, mas agora estou sentindo pulsar. Talvez esteja infectado. Embora essa seja a menor de nossas preocupações.

— Pode dar uns pontos para mim? — Tento não soar ansiosa, mas ela percebe mesmo assim.

— Está tão ruim?

— Não, só...

— Por acaso você limpou a cicatriz?

Reese solta um som de satisfação.

— Falei para não deixar a ferida aberta.

— Vem cá — diz Byatt. — Deixa eu ver.

Mudo de posição nas pedras até Byatt estar de joelhos e eu com o queixo levantado para ela. Byatt passa os dedos sobre a ferida, roçando a pálpebra. Algo sob ela recua.

— Parece estar te machucando — comenta ela, tirando linha e agulha do bolso. Desde que meu olho ficou machucado, Byatt sempre as leva com ela. De nós três, ela é a primeira que vai fazer 17 anos e, em momentos como esse, dá para notar. — OK, não se mexa.

Ela escorrega a agulha para dentro e sinto dor, mas pouca coisa, o vento frio afastando-a. Tento piscar um olho para Byatt, para fazê-la sorrir, mas ela balança a cabeça, franzindo a testa.

— Falei para não se mexer, Hetty.

E está tudo bem, Byatt e eu, ela me encara como eu a encaro, e me sinto segura porque ela está aqui, até que a agulha entra muito fundo e eu me contorço, meu corpo inteiro curvando-se. Uma dor cegante e por toda parte. O mundo vira líquido ao meu redor. Posso sentir o sangue escorrendo para dentro da minha orelha.

— Ai, meu Deus! — exclama ela. — Hetty, você está bem?

— São só pontos — comenta Reese, deitada nas pedras, de olhos fechados. Sua blusa está meio levantada, então consigo ver um pedaço pálido de barriga, contrastante em meio ao mundo desfocado da tontura. Ela nunca está com frio, nem mesmo em dias como esse, nos quais nossa respiração pairam no ar.

— É — concordo. A mão de Reese nunca dá problemas, não como meu olho, e suavizo a rispidez em meus lábios. Já temos motivos suficientes para brigar, não precisamos de mais isso. — Pode continuar.

Byatt começa a dizer algo quando, de repente, ouvimos um grito próximo ao jardim. Nós nos viramos para ver se foi a primeira vez de alguém. Raxter vai do sexto ano até o fim do ensino médio — ou ia —, então nossas meninas mais novas têm 13 anos atualmente, 11 anos quando essa confusão toda teve início, e agora isso começou a desfigurá-las.

Mas não há nada de errado. É apenas Dara, do nosso ano, a menina com dedos de teias, parada onde as pedras começam.

— Aula de tiro ao alvo — avisa ela para nós três. — A Sra. Welch disse que está na hora de tiro ao alvo.

— Vamos. — Byatt amarra os pontos e se levanta, esticando a mão para mim. — Volto a cuidar do seu olho depois do jantar.

Já tínhamos aula de tiro ao alvo antes da Tox, uma tradição remanescente do começo da escola, mas não era como é agora. Só as meninas do último ano — e Reese, a melhor atiradora da ilha, nascida para aquilo como havia nascido para tudo em Raxter — podiam ir à floresta com o Sr. Harker e praticar em latas de refrigerante que ele enfileirava no chão. O restante de nós tinha uma aula sobre medidas de segurança relativas a armas de fogo, o que geralmente se transformava em uma aula livre quando o Sr. Harker inevitavelmente se atrasava.

Mas então a Tox pegou o Sr. Harker. Contaminou a mão usada por Reese para atirar e a desfigurou, de modo que ela não podia mais apertar o gatilho. E o que era só treinamento então se transformou numa prática de tiro ao alvo, porque agora há coisas que precisamos matar. De tantas em tantas tardes, conforme o sol se põe, miramos sem parar até atingirmos o centro do alvo.

Temos de estar preparadas, explica Welch. Para nos proteger, para proteger uma à outra. Durante o primeiro inverno, uma raposa conseguiu passar pela cerca, simplesmente se esgueirou pelas frestas.



Depois disso, a menina da Equipe das Armas disse que o animal havia feito com que ela se lembrasse de seu cachorro em casa, por isso não tinha conseguido atirar. Assim, a raposa atravessou o jardim e chegou ao pátio. E então encurralou a sobrevivente mais nova e dilacerou sua garganta.

Nós praticamos no estábulo perto da ponta da ilha, com suas grandes portas de correr abertas de ambos os lados para que os tiros perdidos acabem no oceano. Costumava haver cavalos, quatro deles, mas, logo no início da primeira temporada da Tox, notamos como a doença estava começando a entrar neles como entrou em nós, como estava empurrando os ossos deles contra a pele, esticando seus corpos até eles relincharem. Então os guiamos até a água e atiramos neles. As cocheiras estão vazias agora, e nos aglomeramos nelas para esperar nossa vez. Temos que atirar no alvo e não podemos parar até atingir o centro.

A Sra. Welch guarda a maioria das armas trancada em uma despensa na casa, junto com a munição que a Marinha começou a enviar quando ouviu falar dos animais, então há apenas uma espingarda e um pacote de balas aqui para todas nós, que ficam dispostos numa mesa de cavaletes cujo tampo é uma placa fina de madeira compensada. Não é como os rifles com os quais atiramos na Equipe das Armas, mas Welch sempre diz que uma arma é uma arma, e toda vez isso faz com que um músculo no maxilar de Reese se contraia.

Eu me sento na porta de uma cocheira e a sinto balançar quando Byatt pula para se juntar a mim. Reese se apoia meio jogada entre nós. Ela não tem permissão para praticar por causa de sua mão, mas está ali todos os dias, tensa e calada enquanto observa o alvo.

Em algum momento, a ordem era alfabética, mas todas nós perdemos coisas, olhos e mãos e sobrenomes. Agora são as meninas mais velhas que vão primeiro. Elas são rápidas, a maioria boa o bastante para acertar a marca com poucas tentativas. Julia e Carson

conseguem em duas, uma longa e vergonhosa espera conforme Landry demora mais do que consigo contar, e então chega a vez do nosso ano. Byatt consegue com três tiros. Respeitável, mas existe um motivo para nos colocarem juntas na Equipe das Armas. Se ela não acertar seu alvo, eu vou acertar.

Ela me entrega a espingarda, e eu assopro as mãos para recuperar a sensação antes de tomar seu lugar, erguer a arma até meu ombro e mirar. Inspiro, me concentro e expiro, apertando firme. O som ecoa por mim. É fácil. É a única coisa na qual sou melhor do que Byatt.

— Boa, Hetty — grita Welch.

Alguém, ao fundo do grupo, repete o grito, de um jeito cantado, rindo. Reviro os olhos, largo a espingarda sobre a mesa improvisada e me junto a Reese e Byatt novamente na porta do estábulo.

Geralmente Cat é a próxima, mas há uma pequena confusão, um resmungo, então alguém empurra Mona para o meio. Ela cambaleia um ou dois passos, depois se apruma, observando o rosto das meninas ao redor à procura de um pouco de compaixão. Não vai encontrar nada; guardamos isso para nós mesmas atualmente.

— Posso passar minha vez? — indaga ela, virando-se para Welch.

Há uma calma pálida no rosto de Mona, mas uma inquietação no corpo. Ela quase conseguiu, quase conseguiu pular sua vez sem que notassem. Mas o restante de nós não vai deixar isso acontecer. Nem Welch.

— Infelizmente, não. — Welch balança a cabeça. — Vamos lá.

Mona diz mais alguma coisa, mas é baixo demais para que alguém escute, então ela segue até a mesa. A arma está disposta ali. Tudo que precisa fazer é mirar e atirar. Ela ergue a espingarda, acomodando-a na curva do braço como se fosse uma boneca.

— É para hoje — diz Welch.

Mona levanta a arma no nível do alvo e põe o dedo no gatilho. Todas estamos caladas. Suas mãos tremem. De algum modo, ela está mirando a espingarda corretamente, mas o esforço a está matando.

— Não posso — lamenta ela. — Eu não... Não posso. — Ela abaixa a arma, desvia o olhar para mim.

E é nesse momento que eles se abrem; três cortes profundos na lateral do pescoço dela, como guelras. Nenhum sangue. Apenas um pulsar a cada respiração, a contração de algo se movendo sob sua pele.

Mona não grita. Não faz um barulho sequer. Apenas desaba. De costas, com a boca aberta e ofegante. Ela continua me encarando, o peito subindo lentamente, e não consigo desviar o olhar, nem quando Welch se aproxima com pressa, nem quando se ajoelha aos pés de Mona e sente seu pulso.

— Levem Mona para o quarto dela — ordena Welch. O quarto dela e não a enfermaria, porque apenas as em estado mais grave vão parar lá. E Mona já esteve mais doente do que isso. Todas nós já estivemos.

As meninas da Equipe do Barco — marcadas pelas facas que elas têm permissão de levar presas no passador do cinto — afastam-se do restante de nós. Sempre elas. Pegam os braços de Mona, erguem seu corpo e a levam embora, de volta para o interior da casa.

Um murmúrio e logo depois um silêncio conforme começamos a segui-las, mas Welch pigarreia.

— Senhoritas — diz ela, prolongando a palavra como costumava fazer durante a verificação dos dormitórios. — Por acaso as dispensei? — Ninguém responde, e Welch pega a espingarda e a entrega para a primeira menina da ordem. — Vamos começar de novo. Desde a primeira.

Nenhuma de nós se surpreende. Largamos nossa surpresa em algum lugar pelo caminho e agora já esquecemos onde. Então fazemos uma fila, esperamos e atiramos, sentindo o calor — o calor de Mona — escoando da espingarda para nossas mãos.

O jantar é disperso e tenso. Normalmente, conseguimos ao menos sentar no mesmo cômodo, mas hoje pegamos nossas porções com

Welch e nos separamos, algumas no salão e outras na cozinha, aglomeradas ao redor do antigo fogão a lenha, onde queima a última cortina da casa, mantendo o calor. Depois de dias assim e de reações como a de Mona, costumamos nos separar e questionar quem será a próxima.

Estou na escada, apoiada no corrimão. Nós três fomos as últimas a pegar comida e quase não havia sobrado nada de bom: apenas as pontas de um pão, já pegajosas e mofadas. Byatt parecia prestes a chorar quando percebeu que isso foi tudo o que eu trouxe de volta — nenhuma de nós comeu nada de almoço, não depois de Reese ter conseguido aquela laranja, e de forma justa —, mas, por sorte, Carson, da Equipe do Barco, me deu uma sopa com o prazo de validade expirado. Então esperamos o abridor de latas vir em nossa direção para que possamos comer e, enquanto aguardamos, Reese está no chão, tentando dormir, enquanto Byatt olha para cima, onde é possível ver apenas a porta que bloqueia a escada para a enfermaria do terceiro andar.

Ali costumava ser a área dos cômodos dos empregados quando a casa foi construída. Seis quartos num corredor estreito, com um terraço acima e o salão principal com pé-direito duplo abaixo. O acesso só é possível pela escada no mezanino do segundo andar, que fica trancada atrás de uma porta basculante baixa.

Não gosto de olhar para lá, não gosto de pensar nas meninas mais doentes isoladas ali, não gosto que não exista espaço para todo mundo. E não gosto do fato de toda porta do andar superior ser trancada por fora. De ser possível manter uma pessoa presa ali dentro, se alguém quisesse.

Em vez disso, olho para o outro lado do salão principal, para as paredes de vidro do refeitório. Longas mesas vazias desmontadas, prontas para serem usadas para acender lareiras, os talheres foram jogados no mar para manter as facas longe de nós. Era meu cômodo

favorito da casa. Não em meu primeiro dia, quando eu não tinha ainda um lugar para me sentar. Mas todos os dias depois, quando eu chegava para o café da manhã e via Byatt guardando um lugar para mim. Ela ocupava um quarto individual em nosso primeiro ano e gostava de acordar cedo para andar pela escola. Eu a encontrava no refeitório, e ela me esperava com torradas. Antes de Raxter, eu usava manteiga na torrada, mas Byatt me mostrou que geleia é melhor.

O olhar de Cat encontra o meu do outro lado do salão, e ela ergue o abridor de latas. Eu me afasto do corrimão e sigo em sua direção, desviando de um quarteto de meninas sentadas no chão, que formam um quadrado, descansando a cabeça sobre a barriga uma da outra enquanto uma delas tenta fazer as outras rirem.

— Vi que conseguiu fazer com que Carson cedesse — comenta Cat quando me aproximo. Ela tem cabelo preto, muito liso e muito bonito, e olhos escuros e cuidadosos. Seu caso foi um dos piores de Tox. Semanas na enfermaria, mãos atadas para impedir que agarresse sua pele, que fervia e borbulhava. Cat ainda tem as cicatrizes, marcas brancas por todo o corpo, e bolhas novas que afloram e sangram a cada estação.

Desvio o olhar de uma bolha nova em seu pescoço e sorrio.

— Não precisou de muito. — Ela me dá o abridor de latas, e eu o guardo no cós da calça, sob minha camisa, para que ninguém o roube no caminho de volta para as escadas. — Vocês estão bem? Suficientemente aquecidas? — Ela está usando apenas o forro de lã destacável do casaco de sua amiga Lindsay. As duas não tiveram sorte na última escolha de roupas, e ninguém consegue guardar um cobertor por muito tempo aqui a não ser que jamais tire os olhos dele.

— Estamos bem, sim — responde Cat. — Obrigada por perguntar. E, ei, olha bem sua sopa, se certifica de que a lata não está com a tampa estufada. Já temos coisas suficientes para nos preocupar além de botulismo.

— Vou passar a informação adiante.

Cat é assim. Gentil a sua maneira. Ela é do nosso ano, e sua mãe está na Marinha, assim como meu pai. Raxter e o Campo Nash são as únicas formas de vida em um raio de quilômetros. Ao longo dos anos, estiveram tão próximos que Raxter oferece a bolsa de estudos para meninas filhas de oficiais da Marinha. É a única razão pela qual estou aqui. A única razão pela qual Cat está aqui. Nós pegávamos o ônibus para o aeroporto juntas no final de cada trimestre; ela a caminho da base de San Diego, e eu para a base de Norfolk. Ela nunca guardava lugar para mim, mas eu me sentava com timidez ao lado dela, e Cat sorria e me deixava dormir em seu ombro.

Estou prestes a me sentar ao lado de Byatt novamente quando ocorre uma comoção diante da porta da frente, onde as meninas de Landry estão agrupadas. Poderíamos dividir o grupo todo em umas onze ou doze partes — algumas maiores, outras menores —, e o maior grupo se concentra em torno de Landry, dois anos acima de mim e de uma família tradicional de Boston, mais importante até mesmo que a de Byatt. Ela nunca foi muito com a nossa cara, não desde que reclamou por não haver meninos na ilha, e Reese lançou o olhar mais indiferente que já vi e retrucou:

— Mas tem muitas meninas.

Isso fez com que alguma coisa saltasse em meu peito, algo que ainda posso sentir à noite quando a trança de Reese lança um brilho ondulado no teto. Um chamado. Um desejo.

Mas ela está muito longe. Sempre esteve longe demais.

Alguém grita, e nós vemos o grupo mudar de posição, formando um círculo, aglomerando-se bem perto de um corpo estendido no chão. Eu me curvo para tentar ver alguma coisa. Cabelo castanho brilhoso, um corpo frágil e magro.

— Acho que é a Emmy — digo. — Acho que chegou a vez dela.

Emmy estava no sexto ano quando a Tox começou, e uma a uma as meninas da turma entraram de cabeça na puberdade, com suas primeiras erupções surgindo e explodindo como fogos de artifício. Agora finalmente chegou a sua vez.

Ouvimos seus soluços, o corpo trêmulo e agitado. Eu me pergunto o que ela vai adquirir, se é que terá alguma coisa de fato. Guelras como Mona, bolhas como Cat, talvez ossos como os de Byatt ou a mão como a de Reese, mas às vezes a Tox não nos dá alguma coisa — apenas tira mais e mais. Nos esgota e nos faz definhar.

Por fim, silêncio, e o grupo ao redor de Emmy começa a se dispersar. Ela parece bem para uma primeira erupção. Suas pernas bambeiam quando ela fica de pé e, mesmo de longe, posso ver as veias salientes e escuras em seu pescoço, como se fossem hematomas.

Há uma leva modesta de aplausos conforme Emmy bate a poeira da calça jeans. Julia, uma das meninas da Equipe do Barco, tira um pedaço de seu pão velho e o joga para Emmy. Alguém vai deixar um presente debaixo de seu travesseiro à noite. Talvez um par de grampos de cabelo, ou uma página de uma das revistas que ainda circulam na escola.

Landry a abraça, e Emmy está radiante, orgulhosa por ter passado tão bem por aquilo. A ficha vai cair mais tarde, eu acho, quando a adrenalina passar, quando Landry não estiver lá para ver. A verdadeira dor. A mudança.

— Ainda fico chateada — comento. — Ninguém me deu nada na minha vez.

Byatt ri, movendo rapidamente as mãos para abrir a lata de sopa, então ela me dá a tampa.

— Pronto. Meu presente para você.

Lambo a camada da gororoba de vegetais, ignorando a acidez efervescente. Byatt toma um gole da lata. Depois de tomar um terço,

vai passar a sopa para mim. Reese sempre é a última. É impossível fazê-la comer se não for assim.

— Quando acha que vão divulgar a lista para a nova Equipe do Barco? — indaga Byatt, bem alto. Ela pergunta para mim, mas está fazendo isso por Reese; Reese, que está tentando entrar na Equipe do Barco praticamente desde o começo.

A mãe dela foi embora antes de eu começar a estudar em Raxter, mas conheci o pai dela, o Sr. Harker. Ele era, ao mesmo tempo, o jardineiro, o responsável pela manutenção e o faz-tudo. Vivia numa casa fora da área escolar, na ponta da ilha. Pelo menos até a chegada da Tox e da quarentena, e foi quando a Marinha o enviou para morar conosco. Ele não mora mais aqui. Foi para a floresta quando a Tox começou a atingi-lo, e Reese vem tentando encontrar com ele desde então.

A Equipe do Barco é a única saída. A única maneira de passar pela cerca. Normalmente, são as mesmas três garotas até uma delas morrer, mas, há alguns dias, a terceira menina, Taylor, disse que aquela seria sua última missão, depois ela não iria mais. Taylor é uma das mais velhas aqui. Estava sempre ajudando, acalmava todo mundo e suturava as feridas de todas. Não conseguimos entender o que exatamente a fez parar.

Existe um boato de que teve algo a ver com sua namorada, Mary, que ficou indomável no último verão. Um dia Mary estava lá e, no outro, havia desaparecido — apenas a Tox tinha permanecido em seu corpo, e já não havia brilho algum nos olhos. Taylor estava com ela naquele dia. Teve que lutar com a garota, e por fim colocar uma bala em sua cabeça. Todas acham que por isso ela saiu da Equipe do Barco. Mas, quando Lindsay lhe perguntou no dia anterior, Taylor a esbofeteou, e ninguém mais mencionou o assunto desde então.



Isso não nos impediu de continuar imaginando o motivo. Taylor diz que está bem, que está tudo normal, mas largar a Equipe do Barco não é normal. Especialmente para ela. Welch e a Diretora terão que anunciar um novo nome em breve, alguém para ocupar seu lugar.

— Talvez amanhã — respondo. — Posso perguntar.

Reese abre os olhos, senta ereta. Seus dedos prateados se contraem.

— Não pergunte. Só vai irritar Welch.

— Beleza — digo. — Mas não se preocupa. Você vai conseguir.

— Veremos — responde ela.

Essas não são as coisas mais agradáveis que já dissemos uma para a outra, mas estão perto disso.

Naquela mesma noite, Byatt termina de suturar meu olho, e depois não consigo dormir. Olho para a parte de baixo do beliche de Reese, para onde Byatt gravou suas iniciais repetidas vezes. *BW. BW. BW.* Ela faz isso em tudo quanto é lugar. Na cama, em sua mesa durante todas as aulas que tínhamos, nas árvores do bosque perto da água. Marcando Raxter como se fosse dela, e às vezes acho que, se ela pedisse, eu a deixaria fazer o mesmo comigo.

Um silêncio contínuo até que, perto da meia-noite, dois tiros o quebram. Fico tensa. Espero. Mas mal passa um segundo antes dos gritos da Equipe das Armas ecoarem:

— Tudo limpo!

Acima de mim, Reese ronca no beliche. Byatt e eu dividimos a cama de baixo, tão próximas que posso ouvir os dentes dela rangendo enquanto sonha. A calefação foi desligada há um tempo, e nós dormimos o mais perto que conseguimos, com nossos casacos, com tudo. Posso pôr a mão no bolso e sentir a bala lá, o revestimento liso.

Aprendemos a respeito de munição depois de Welch nomear as primeiras meninas da Equipe das Armas. As primeiras meninas viram algo do telhado e, embora não tenham conseguido concordar sobre o que era — uma disse que era nebuloso e reluzente, e seu movimento, devagar e calculado, quase como o de uma pessoa, e outra comentou que era grande demais para isso —, o que as assustou bastante, a ponto de reunirem todas as meninas da Equipe das Armas no menor cômodo do segundo andar para nos ensinar como abrir uma bala. Como ignorar o tremor em nosso estômago e como engolir a pólvora como veneno, para o caso de algum dia precisarmos morrer.

Algumas noites acabo pensando sobre o que podia ser, o que elas podem ter visto, e sentir a bala em minha mão ajuda — saber que estou a salvo de seja lá o que tenham visto e do que quer que tenham medo. Mas, nessa noite, Mona é tudo que consigo ver — Mona com a arma nas mãos e Mona parecendo que queria apontá-la para a própria cabeça.

Eu jamais tinha segurado uma arma antes de Raxter. Às vezes aparecia uma lá em casa — a pistola da Marinha do meu pai —, mas ela ficava trancada. Byatt nunca nem tinha visto uma ao vivo.

— Sou de Boston — explicou ela quando Reese e eu rimos. — Não temos armas como vocês as têm aqui.

Lembro disso porque ela quase nunca mencionava sua casa. Jamais dava um jeito de tocar no assunto em uma conversa qualquer, como eu sempre me pegava fazendo com Norfolk. Acho que ela não sentia falta de lá. Raxter não permitia que tivéssemos celulares, então, se quiséssemos ligar para casa, tínhamos de entrar numa fila para usar o telefone fixo na sala da Diretora durante o intervalo à tarde. Nunca vi Byatt lá. Nem uma vez.

Eu me viro para olhar para ela, esticada a meu lado e já cochilando. Eu teria sentido saudades de casa se fosse de uma família como

a dela, sangue azul e cheia da grana. Mas essa é a diferença entre nós. Byatt nunca quis nada que não tivesse.

— Para de ficar me encarando — resmunga ela, me cutucando nas costelas.

— Foi mal.

— Tão bizarra. — Mesmo assim, Byatt engancha o dedo min-dinho no meu e adormece novamente.

Devo ter adormecido depois disso, porque, por um tempo, não há nada e, de repente, estou piscando, depois escuto um ranger das tábuas do chão, e Byatt não está mais na cama comigo. Ela está no vão da porta, fechando-a atrás de si ao entrar no quarto.

Não deveríamos sair do nosso quarto durante a noite, nem mesmo para ir ao banheiro no fim do corredor. A escuridão é muito pesada, o toque de recolher de Welch, bem rigoroso. Eu me apoio em um dos cotovelos, levantando um pouco, mas estou coberta pelas sombras, então ela não consegue me ver. Em vez disso, Byatt para ao pé da cama e então sobe a escada até Reese.

Uma delas solta um suspiro, e há um farfalhar conforme as duas se acomodam, e então o tom branco-amarelado da trança de Reese pende de sua cama e balança gentilmente acima de mim. O reflexo se movimenta como uma pluma, cobrindo o teto com padrões desbotados de luz.

— Hetty está dormindo? — pergunta Reese. Não sei por quê, mas passo a respirar mais devagar, me certifico de que não vão saber que estou ouvindo.

— Aham.

— O que foi?

— Nada — responde Byatt.

— Você saiu.

— Aham.

A dor daquilo contorce meu estômago. Por que ela não me levaria junto? E por que é Reese quem fica sabendo? Byatt não deveria encontrar coisas em Reese que ela não consegue achar em mim.

Uma delas se mexe, provavelmente Byatt aconchegando-se em Reese. Byatt gosta de dormir perto. Vivo acordando com seus dedos presos nos bolsos do meu jeans.

— Aonde você foi? — sussurra Reese.

— Dar uma volta.

Mas reconheço uma mentira. Sem chances de ela ter arriscado sair escondida só para esticar as pernas. Já fazemos isso o suficiente todo dia pela manhã. Não, há um segredo escondido em sua voz e, normalmente, ela os divide comigo. Qual a diferença dessa vez?

Reese não responde, e Byatt continua:

— Welch me pegou no caminho de volta.

— Merda.

— Está tranquilo. Eu só estava lá embaixo, no salão.

— O que você disse?

— Falei que estava pegando uma garrafa de água porque estou com dor de cabeça.

A mão prateada de Reese puxa a trança de meu campo de visão. Posso imaginar o brilho fechado dos olhos dela, o maxilar firme. Ou talvez ela seja mais fácil no escuro. Talvez se abra totalmente quando pensa que ninguém pode vê-la.

Conheci Reese no dia que cheguei em Raxter. Eu tinha 13 anos, mas não 13 anos de verdade, não 13 anos com peitos e quadris e respostas inflamadas. Eu já tinha conhecido Byatt na balsa do continente para a ilha, e tinha sido rápido e incrível. Ela sabia quem ela era e quem eu deveria ser, e ela se encaixava perfeitamente em todos os lugares dentro de mim que eu não conseguia preencher. Reese era diferente.

Ela estava sentada na escada do salão principal, com o uniforme grande demais, as meias até os joelhos sobrando nos tornozelos. Não sei se já tinham medo dela ou se era outra coisa, se talvez o fato de ela ser filha do faz-tudo significava alguma coisa para elas e não para mim, mas as outras meninas do nosso ano estavam aglomeradas perto da lareira, o mais longe possível dela.

Byatt e eu passamos por Reese quando fomos nos juntar às outras meninas, e a maneira como ela olhou para mim naquele momento, já com raiva, já fervilhando — é minha lembrança mais vívida.

Por um tempo depois disso, não havia absolutamente nada entre nós três. Apenas aulas juntas e um aceno aqui e ali nos corredores a caminho do banho. Mas aí Byatt e eu precisávamos de uma terceira pessoa para o trabalho em grupo de francês, e Reese era a primeira da turma — tinha se esforçado e passado Byatt em alguns testes anteriores —, então a escolhemos.

Foi tudo de que preciso. Reese a nosso lado no jantar, perto de nós nas reuniões, e, quando eu lembrava como ela havia olhado para mim naquele primeiro dia, quando notava a maneira como meu estômago ficava apertado toda vez que ela dizia meu nome, não importava. Ainda não importa. Isso é o mais perto que vou chegar de Reese — uma cama acima de mim, sua voz suave na escuridão conforme ela fala com outra pessoa.

— Você acha — diz ela depois de um tempo — que está piorando?

Praticamente posso ouvir Byatt encolher os ombros.

— Provavelmente.

— Provavelmente?

— Quer dizer, não sei — comenta Byatt. — Claro. Mas não para todo mundo. — Houve um segundo de silêncio, então sua voz retornou, tão baixa que preciso me esforçar para ouvir. — Escuta, se você souber de alguma coisa...

Ouço o raspar das botas de Reese no momento em que ela vira de lado.

— Desce — pede ela. — Está me sufocando.

Às vezes me pergunto se ela era diferente antes de sua mãe partir. Se era mais fácil de se aproximar. Mas não consigo imaginar Reese assim.

Eu me mexo ao sentir Byatt deitar em nossa cama, mas finjo não acordar, apenas me viro para ficar de costas para ela. Acho que ela me observa durante um instante, mas adormece logo em seguida. Só faço o mesmo quando a luz do dia está começando a aparecer no céu.